

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI - UFSJ
CURSO DE PEDAGOGIA

ANA CLARA HALLE NAJM

**Entre minha história e outras histórias: narrativa (auto)biográficas de estudantes
universitários com TDAH**

São João del-Rei
2026

ANA CLARA HALLE NAJM

Entre minha história e outras histórias: narrativa (auto)biográficas de estudantes universitários com TDAH

Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jaqueline De Grammont Machado de Araújo.

São João del-Rei

2026

Dedico esse TCC a todas as pessoas que foram o seu próprio refúgio quando se sentiram só, aos professores que me acolheram e me entenderam, e principalmente ao professor Daniel Fontana do Colégio Militar, com a fase mais instável do TDAH, ele foi colo e abrigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à professora Jaqueline de Grammont pela oportunidade, pelo apoio e pelo abraço acolhedor. Sou profundamente grata por ter me mostrado que o TDAH não define a capacidade de ninguém. A pessoa com TDAH escreve, dirige, vive plenamente e é capaz de formar excelentes profissionais. Obrigada por acreditar em mim e por contribuir de maneira tão significativa para a minha trajetória.

Agradeço também aos demais professores com quem tive o privilégio e a honra de ser discente na Universidade Federal de São João del-Rei. Sempre estiveram dispostos a ajudar, demonstrando que a empatia e o lado humano da Educação fazem toda a diferença na vivência acadêmica dos estudantes.

Agradeço aos meus guias espirituais e aos orixás. Em cada passo da minha caminhada, tenho a certeza de que nunca estive sozinha e de que sua proteção e seu amparo estiveram presentes.

Agradeço aos amigos que me acolheram, que buscaram compreender quem eu sou e como o TDAH se manifesta em minha vida, permanecendo ao meu lado com carinho, respeito e amizade.

Agradeço à professora Leniza, que, mesmo conhecendo meu diagnóstico, nunca me tratou de forma diferente. Pelo contrário, sempre me incentivou a participar de todas as atividades, explicando-as quantas vezes fossem necessárias, lembrava-me dos compromissos e, quando preciso, até desenhava para facilitar minha compreensão. Sua paciência e dedicação marcaram profundamente minha formação.

Agradeço à Fundação Bradesco, em especial minha Coordenadora Ariane Carvalho. Em nenhum momento o meu TDAH foi visto como um obstáculo ou motivo para questionarem minha competência. Sou grata por fazer parte de um ambiente que valoriza as pessoas por sua capacidade e dedicação.

Agradeço à minha mãe, que fez o possível e o impossível para que eu tivesse acesso ao tratamento adequado. Psicólogos, atividades físicas, medicação e tudo o que pudesse contribuir para o meu bem-estar nunca foram medidos por ela. Seu amor, sua força e sua dedicação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Agradeço ao meu pai que, à sua maneira e do seu jeito, buscou compreender um pouco de como funciona o meu cérebro. Sei que seu esforço para entender minha realidade foi uma forma de demonstrar cuidado e amor, e sou grata por isso.

E Maju, agradeço a você. Que saia das aulas e me escutava em um dia que tive uma crise por estímulos demais, que brincava comigo e me fazia rir. Você foi colo, conforto, proteção e amiga.

RESUMO

Esse trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar diferentes vivências na universidade de estudantes universitários com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, seja de graduação ou pós-graduação, narradas pelos próprios sujeitos em pesquisas de cunho autobiográfico. Trata-se, portanto, de uma abordagem qualitativa de caráter (auto)biográfico, a partir dos referenciais teóricos de Christine Delory-Momberger. Assim, além da vivência da própria pesquisadora, buscou-se vivências de outros estudantes em pesquisas de cunho autobiográfico. Em uma busca nos sites Google Acadêmico, Scielo e CAPES, encontrou-se apenas duas pesquisas com essas características, cujas vivências se somaram à da pesquisadora para a análise empreendida. Os resultados desta investigação indicam que a vivência universitária com TDAH envolve desafios relacionados à atenção, organização, gestão do tempo, convívio social e sobrecarga sensorial, além de experiências de hiperfoco e construção de estratégias de permanência acadêmica. Evidencia-se também a influência das práticas pedagógicas na trajetória do estudante, podendo favorecer ou dificultar sua inclusão no ensino superior. Conclui-se que a experiência de estudantes com TDAH deve ser compreendida considerando não apenas aspectos individuais, mas também as condições institucionais e pedagógicas do contexto educacional. A pesquisa reforça a importância de uma educação inclusiva e sensível às diferenças, bem como o potencial da narrativa autobiográfica como instrumento de produção de conhecimento na área da educação e da inclusão.

ABSTRACT

This capstone project aims to understand the experiences of university students with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) in both non-inclusive and inclusive environments. It employs a qualitative, autobiographical approach, drawing upon the theoretical framework of Christine Delory-Momberger. Research findings indicate that the university experience for students with ADHD involves challenges related to attention, organization, time management, social interaction, and sensory overload, alongside experiences of hyperfocus and the development of strategies for academic persistence. The study also highlights the influence of pedagogical practices on the student's trajectory, noting that these practices can either facilitate or hinder inclusion in higher education. It concludes that the experience of students with ADHD must be understood by considering not only individual aspects but also the institutional and pedagogical conditions of the educational context. The research reinforces the importance of inclusive education that is sensitive to differences, as well as the potential of autobiographical narrative as a tool for knowledge production in the field of education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 O TDAH E OS SEUS CONCEITOS.....	12
3 EU, ANA CLARA, ESTUDANTE DO CURSO DE PEDAGOGIA COM TDAH.....	13
3 OUTRAS VIVÊNCIAS.....	18
3.1 A autobiografia de uma professora e pesquisadora com TDAH.....	18
3.2 A autobiografia de um estudante do curso de Ciência biológicas.....	21
4. ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE PESSOAS COM TDAH NA UNIVERSIDADE.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória na Universidade, no curso de Pedagogia, houve uma disciplina de Educação Inclusiva, no segundo período, que possibilitou que conversássemos sobre síndromes e transtornos, dentre eles sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e hiperatividade, TDAH, e o Transtorno do Espectro Autista, TEA. Assim, nessa disciplina, eu, com TDAH, diagnosticada desde dos 5 anos, e uma amiga com TEA, com um diagnóstico tardio, encontramos um espaço acolhedor, no qual poderíamos falar com propriedade, sem achismos e estigmas, das nossa condição e seus desafios. O encontro com essa colega com TEA, e a amizade que estabelecemos desde o início do curso, foi essencial para a minha trajetória na Universidade. Tanto as atividades da disciplina, quanto a convivência com essa colega, me fez questionar a vivência de pessoas com deficiência e com TDAH¹ na Universidade. Como eles passaram pelos desafios e como enfrentaram o existir na Universidade, tendo alguma deficiência ou TDAH? Seus direitos foram garantidos? Suas necessidades foram ouvidas?

Sempre fui de questionar e querer saber do outro, por um bem maior, sei que pessoas com transtornos precisam de apoio ou até mesmo um suporte. Seja uma amizade, um horário a mais para finalizar a prova, uma cor mais escura de slide para facilitar a visualização... Eu como pessoa com TDAH, sei dos meus desafios, sei da minha vivência, sei sobre mim. Mas e os outros? Segundo os dados do INEP (2024), a cada ano mais estudantes com deficiência chegam na Universidade. A partir da Lei nº 13.409/2016, as cotas para acesso nas universidades também passaram a beneficiar as pessoas com deficiência, reconhecendo o direito delas estarem na Universidade, mas, além desse direito de entrar, que outros desafios enfrentam e o que as ajudavam a permanecer nela?

A partir destes questionamentos, e do incentivo da professora da disciplina de Educação Inclusiva, pude falar sobre o TDAH para a minha turma, o que me mostrou a importância da minha própria experiência como uma mulher com TDAH e estudante de um curso de pedagogia. Assim, comecei a pensar na possibilidade de trazer essas vivências, tanto as minhas, quanto a de outros estudantes, para o meu Trabalho de Conclusão de Curso, TCC.

Compreendo que a vida universitária para quem tem TDAH exige um esforço extra de adaptação, autoconhecimento e aceitação, além de um ambiente acadêmico mais acolhedor e compreensivo. Mas sabemos que nem sempre isso é possível. Então me pergunto: Como é a

¹ O TDAH não é considerado legalmente como uma deficiência e sim como um transtorno de neurodesenvolvimento.. Mas, muitas das questões de exclusão/inclusão pelas quais passam as pessoas com deficiência, também são vivenciadas pelas pessoas com TDAH.

vivência dos universitários com TDAH? De que maneiras esse transtorno influencia nas suas atividades diárias? Como são vivenciados os desafios e as adaptações para a inclusão? Essas reflexões partem também de minha vivência pessoal, marcada por momentos de dificuldade de foco, impulsividade e ansiedade, mas também por descobertas, autocompreensão e superação.

Sendo assim, em um primeiro momento, pensei em pesquisar os desafios das pessoas com deficiência de uma forma geral na Universidade através das suas vivências. Entretanto, acabei por focar somente no TDAH, para partir da minha própria vivência. Dessa forma eu possibilito que uma pessoa com TDAH pesquise sobre o transtorno, o que não é comum. Geralmente são pesquisadores sem deficiência, no caso sem TDAH, que investigam a vivência de pessoas com esse transtorno.

Com essa premissa, me aproximei da autobiografia, um gênero discursivo autorreferencial que faz parte das pesquisas (auto)biográficas. Falar de si também é uma ciência. A autobiografia é uma ciência. Delory Momberger (2008) defende que a vida humana ganha mais sentido quando narrada. Ao escrever sobre nós mesmos construímos nossa identidade. A teoria do saber singular de Momberger é sobre o saber não ser apenas leis e estatísticas, dentro da vivência do ser humano existe uma história única que é uma ciência.

Mas além de pesquisar sobre mim, eu também queria relacionar a minha vivência com o outro, com outras vivências. Será que tivemos algo parecido? Será que foi totalmente diferente? Assim, nos limites do TCC, decidi buscar essas outras vozes, em pesquisas, TCCs, teses e dissertações, que trouxessem as vivências de outros sujeitos com TDAH na universidade.

A partir dessas reflexões me propus a pesquisar teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso, cuja investigação esteja calcada na autobiografia de estudantes da universidade com TDAH, com o objetivo de analisar diferentes vivências na universidade de estudantes universitários com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade, seja de graduação ou pós-graduação, narradas pelos próprios sujeitos em pesquisas de cunho autobiográfico. Realizei essa pesquisa nos sites Google Acadêmico, Scielo e CAPES.

No Scielo, utilizando os descritores Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e universidade, encontrei quatro pesquisas que versavam sobre o uso da medicação para o TDAH sem prescrição médica. Não encontrei nenhuma pesquisa ao inserir, junto a esses descritores anteriormente citados, o termo autobiografia ou (auto)biografia.

Na site da CAPES, também não encontrei nenhum resultado utilizando os descritores universidade, TDAH e autobiografia ou (autobiografia). Entretanto, utilizando somente os

descritores TDAH e universidade, encontrei 35 resultados que focavam na construção do perfil de pessoas com TDAH, Formação de professores do ensino fundamental para estudantes com TDAH, genes do TDAH, teste de remédio para TDAH, crianças com TDAH usando celulares na sala de aula, etc, mas nenhuma delas trazia alguma autobiografia, apenas outras pessoas comentando sobre pessoas com TDAH e geralmente crianças. Foi importante perceber que pouco se fala do TDAH na vida adulta.

Apenas no Google acadêmico, encontrei duas pesquisas autobiográficas. Uma tese de conclusão de curso em forma de autobiografia, intitulada *Para além do mundo da lua: o relato autobiográfico da trajetória de um estudante com TDAH no curso de Licenciatura em Biologia do IFPB* (Lima, 2023), na qual um estudante de licenciatura em Ciências Biológicas, relata de forma única e expressiva sobre ser TDAH na Universidade, ele coloca o seu CID em anexo, ele conta sobre as suas aulas e cita alguns professores sem censurar nomes e relata a parceria entre eles (estudante e professor). Na outra, uma dissertação de mestrado, *TDAH não é coisa de criança: eu, uma professora e pesquisadora com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em ambientes não inclusivos* (Teixeira, 2023), uma professora, que se autointitula “professora e pesquisadora com TDAH”, relata suas vivências em ambientes considerados por ela como não inclusivo, entretanto que deveriam ser. Como a escola em que ela trabalhou e a faculdade que deu aula.

Nessa busca, pude concluir que pesquisa-se muito sobre TDAH em crianças e sobre as medicações relacionadas ao TDAH, e, constatei o que já supunha, que, nessas pesquisas, predomina uma perspectiva em que há sempre alguém falando sobre outras pessoas com TDAH, sendo que, em apenas duas dessas pesquisas, encontrei uma pessoa com TDAH falando sobre o TDAH. Essas duas pesquisas foram realizadas em 2023, indicando que essa perspectiva que envolve a narrativa autobiográfica de pessoas com TDAH é, além de escassa, muito recente.

Assim, para alcançar o objetivo de analisar um pouco mais sobre as vivências das pessoas com TDAH na universidade, parto, no primeiro capítulo, da minha experiência com o TDAH. No segundo capítulo, trago as vivências das outras pessoas com TDAH, inicio com a narrativa de Flávia Cristina Guimarães Teixeira (2023), professora e estudante de pós-graduação e, depois, apresento o Fernando Silva de Lima (2023) e suas vivências universitárias no curso de Biologia, ambos com TDAH. No terceiro capítulo, analiso essas experiências, traçando as semelhanças e diferenças entre elas. Finalizo com as considerações finais.

2 O TDAH E OS SEUS CONCEITOS

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico e do neurodesenvolvimento (American Psychiatric Association, 2023, p. 61). De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o TDAH atinge entre 3% a 5% das crianças no mundo, se manifestando na infância.

O caráter neurobiológico do transtorno manifesta-se através de um desequilíbrio na dinâmica de neurotransmissores como a dopamina e a noradrenalina, afetando diretamente áreas corticais anteriores do cérebro responsáveis pelas funções executivas e de controle atencional (Rohde et al., 2019).

O TDAH se caracteriza como transtorno do neurodesenvolvimento, porque ele surge a partir da maturação biológica do sistema nervoso central, sob influência genética e ambiental, molda as funções motoras, cognitivas e comportamentais do indivíduo (Rotta; Ohlweiler; Riesgo, 2016).

O transtorno se caracteriza por três sintomas principais, a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade. De acordo com os dados da Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), a avaliação é feita por médicos especialistas (neuropediatras, psiquiatras ou neurologistas), sendo avaliado o comportamento do indivíduo.

As dificuldades persistentes de atenção, hiperatividade e impulsividade, se manifestam em diferentes contextos e impactam a vida acadêmica, social e emocional dos indivíduos (ABDA, 2022). Essas dificuldades podem se expressar por meio de lapsos de concentração, inquietação constante ou impulsividade verbal e comportamental. No ambiente universitário, tais características representam desafios diários, especialmente em um contexto que exige autonomia, organização e autorregulação.

O plano terapêutico para o transtorno “[...] geralmente combina o uso de medicamentos específicos (estimulantes), terapia cognitivo-comportamental (TCC) e suporte pedagógico ou profissional.” (Hospital Israelita Albert Einstein, 2024, online).

Sob a ótica do modelo médico, o TDAH é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento de base neurobiológica, caracterizado por disfunções executivas decorrentes de desequilíbrios neuroquímicos. Dessa forma, o foco central recai sobre o diagnóstico clínico, o manejo dos sintomas de desatenção e hiperatividade e a intervenção terapêutica ou farmacológica individual (Rohde et al., 2019).

Em contrapartida, o modelo social de análise reconfigura o TDAH não como uma doença inerente ao sujeito, mas como uma expressão da variação natural dos cérebros humanos, denominada neurodivergência. A partir dessa perspectiva, compreende-se que as principais barreiras enfrentadas pelo indivíduo residem nas estruturas sociais e educacionais inflexíveis, as quais falham em acomodar e acolher ritmos atencionais distintos (Ortega, 2009).

Diante do exposto, compreende-se que os modelos médico e social não devem ser visualizados como perspectivas excludentes, mas sim como abordagens estritamente complementares na compreensão do TDAH. Enquanto o modelo médico oferece o suporte clínico, terapêutico e farmacológico necessário para mitigar o sofrimento individual e otimizar as funções executivas do sujeito, o modelo social atua como uma ferramenta ética e política indispensável, exigindo que as instituições de ensino, ambientes de trabalho e a sociedade civil removam suas barreiras estruturais. Dessa forma, a convergência entre o cuidado biológico e a reestruturação do meio ambiente garante que o indivíduo neurodivergente não apenas receba o tratamento adequado, mas também encontre um espaço de acolhimento, equidade e plena inclusão (Santos, 2021).

3 EU, ANA CLARA, ESTUDANTE DO CURSO DE PEDAGOGIA COM TDAH

Descobri o diagnóstico de TDAH aos 12 anos. Foi somente a partir desse momento que comecei a compreender o que era o transtorno e de que forma ele influenciava minha maneira de aprender, pensar e vivenciar o ambiente escolar. No entanto, minha trajetória com o TDAH começou muito antes do diagnóstico. Minha mãe relata que, quando eu tinha aproximadamente cinco anos, a escola a chamou para conversar sobre meu comportamento. Sempre que pergunto o que foi discutido naquela reunião, ela diz não se recordar dos detalhes, o que também evidencia como, naquele período, havia pouca compreensão sobre o transtorno e suas manifestações.

Das minhas lembranças da infância, permanece muito viva a dificuldade de socializar. Interagir com outras pessoas que não fossem minha mãe era extremamente difícil, gerando insegurança e desconforto. Também recordo das correções individuais de provas, quando algumas professoras diziam repetidamente: "Você errou por falta de atenção, só por isso". Essas falas marcaram minha trajetória escolar, pois reforçavam a ideia de que minhas

dificuldades eram consequência de desleixo ou falta de esforço, quando, na realidade, faziam parte do funcionamento do meu cérebro.

Outro momento recorrente era o preenchimento do gabarito na folha oficial das avaliações. Eu já iniciava esse processo com a sensação de que cometeria algum erro de marcação, mesmo conhecendo as respostas. Era como se eu antecipasse um equívoco inevitável. Da mesma forma, as aulas dos últimos horários eram especialmente difíceis. Permanecer conectada ao que acontecia em sala exigia um esforço enorme. Muitas vezes eu me desassociava, meus pensamentos se deslocavam para diferentes lugares e, quando percebia, já não acompanhava mais a explicação do professor.

Durante o Ensino Médio, estudei em uma escola que valorizava intensamente os resultados acadêmicos. Em uma ocasião, a diretora me disse: "Você não pode usar o seu TDAH como desculpa. Conheço muitas pessoas com TDAH que venceram na vida". Essa fala permanece viva em minha memória não apenas pelo conteúdo, mas porque, naquele momento, eu sequer utilizava meu diagnóstico como justificativa para minhas dificuldades. Pelo contrário, eu evitava falar sobre o TDAH. Sentia vergonha, medo de ser julgada e de ser reduzida ao diagnóstico.

Na escola, algumas pessoas me chamavam de "depressiva" ou "bipolar". Hoje compreendo que muitas das minhas oscilações emocionais e dificuldades de autorregulação estavam relacionadas ao TDAH, mas, na época, prevaleciam especulações e estigmas. Meu maior medo era ser vista como "louca" ou incapaz, em vez de ser compreendida em minhas necessidades. Meu diagnóstico chegou a ser exposto em sala de aula sem meu consentimento, sem qualquer propósito pedagógico ou acolhimento. Não houve diálogo, escuta ou orientação; apenas apontamentos que reforçaram meu sentimento de inadequação.

Não atribuo meu desempenho escolar exclusivamente ao TDAH. Minhas notas nunca foram extremamente baixas e sempre procurei fazer tudo o que estava ao meu alcance. Minha maior dificuldade sempre foi a matemática, mas o desafio não estava na falta de vontade ou de dedicação. A questão central era que meu cérebro processava informações de maneira diferente. Compreender essa diferença transformou a forma como passei a interpretar minha própria trajetória escolar: minhas dificuldades não eram sinônimo de incapacidade, mas expressão de uma forma singular de aprender e de estar no mundo.

Ao ingressar na universidade, adotei uma estratégia que considerei importante para a minha permanência acadêmica. No início de cada semestre, encaminhava um e-mail à coordenação do curso com meu laudo de TDAH e solicitava que ele fosse compartilhado com todos os professores das disciplinas que eu cursaria. Meu objetivo nunca foi obter privilégios

ou tratamento diferenciado, mas possibilitar que os docentes compreendessem algumas manifestações do transtorno. Esperava que, ao perceberem momentos de distração, desassociação ou inquietação, não interpretassem esses comportamentos como desinteresse ou falta de comprometimento, mas como características do funcionamento do meu cérebro.

Essa iniciativa trouxe experiências bastante distintas. Tive uma professora que, ao perceber meus momentos de desassociação durante as aulas, chamava minha atenção de maneira respeitosa e acolhedora, permitindo que eu retomasse o foco sem constrangimento. Em determinado período, quando comecei a faltar às aulas, ela procurou compreender o que estava acontecendo. Perguntou se eu precisava de ajuda, se estava encontrando dificuldades para acompanhar a disciplina e demonstrou preocupação genuína com minha permanência no curso. Pequenas atitudes como essa fizeram grande diferença na minha trajetória acadêmica, pois me senti vista como estudante e como pessoa.

Entretanto, nem todos os professores reagiam da mesma forma. Alguns demonstravam que o envio do laudo não alteraria em nada sua maneira de conduzir a disciplina ou de avaliar os estudantes. Embora eu compreenda que nem sempre o diagnóstico deva modificar os critérios de aprendizagem, para mim era importante que eles soubessem que determinadas atitudes não representavam falta de interesse. Minha inquietação constante, os movimentos repetitivos com as mãos e as pernas ou os momentos em que parecia distante da aula eram manifestações do TDAH, e não sinais de desrespeito ou desmotivação.

Apesar das dificuldades, a universidade também representou um espaço de descobertas. Diferentemente da educação básica, encontrei um curso cujas áreas despertavam meu interesse. Sempre gostei das Ciências Humanas, especialmente História, Filosofia e Sociologia. Sentia que cada aula alimentava minha curiosidade e despertava um intenso envolvimento com os conteúdos. Hoje reconheço que muitas dessas experiências estavam relacionadas ao hiperfoco, característica frequentemente presente em pessoas com TDAH. Lembro-me, por exemplo, de uma aula de Psicologia da Educação sobre as fases do desenvolvimento propostas por Freud. A partir daquele momento, sempre que observava uma criança, procurava compreender em qual fase do desenvolvimento ela se encontrava. Era um conhecimento que ultrapassava os limites da sala de aula e passava a fazer parte da minha forma de olhar o mundo.

Mesmo estudando em uma área pela qual nutria grande interesse, as dificuldades relacionadas às funções executivas permaneceram presentes. Organizar os trabalhos, lembrar dos prazos e iniciar as atividades continuavam sendo grandes desafios. Raramente deixava de entregar um trabalho, mas inúmeras vezes finalizei atividades faltando poucos minutos para o

encerramento do prazo. Não era consequência de falta de responsabilidade ou desinteresse. Muitas vezes, simplesmente esquecia que aquela atividade existia ou tinha enorme dificuldade para iniciar sua execução. Meu cérebro parecia incapaz de administrar os prazos da mesma forma que as outras pessoas.

Essa dinâmica fazia com que eu produzisse sob intensa pressão. Após concluir os trabalhos, frequentemente pensava que poderia ter desenvolvido ideias melhores se tivesse conseguido organizá-las com antecedência. Em contrapartida, nos seminários, vivenciava uma experiência completamente diferente. Como os temas faziam parte do meu hiperfoco, conseguia falar sobre eles com segurança, espontaneidade e entusiasmo, muitas vezes sem necessidade de ensaiar ou ler integralmente os textos. Recebia elogios de professores e colegas, e esse reconhecimento fortalecia minha autoestima, frequentemente fragilizada pelas experiências negativas relacionadas ao TDAH.

O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade é um transtorno do neurodesenvolvimento que interfere não apenas na atenção, mas também nas funções executivas, na autorregulação e na forma como o indivíduo interage com o ambiente. Segundo Bijlenga *et al.* (2017), estudos recentes indicam que muitas pessoas com TDAH apresentam alterações no processamento sensorial, manifestadas por maior sensibilidade a estímulos auditivos, visuais e táteis. Essa sobrecarga sensorial pode dificultar significativamente a manutenção da atenção em ambientes com excesso de estímulos, favorecendo o surgimento de estresse e ansiedade.

Essa era uma das maiores dificuldades que enfrentava durante a graduação. Permanecer em uma sala onde várias pessoas conversavam ao mesmo tempo exigia um esforço mental exaustivo. Meu cérebro parecia disputar constantemente entre acompanhar a explicação da professora ou processar todas as conversas ao redor. Eu não conseguia simplesmente ignorar aqueles estímulos. Quanto mais tentava me concentrar, maior era a sensação de fracasso, o que frequentemente desencadeava crises de ansiedade.

Durante muito tempo, associei a ideia de ser uma "boa aluna" à obtenção de boas notas e ao desempenho acadêmico considerado ideal. Somente mais tarde compreendi que, na tentativa de alcançar esse padrão, eu buscava agir como uma pessoa neurotípica, ignorando as necessidades decorrentes do meu próprio funcionamento cognitivo. Hoje, compreendo minha trajetória como uma mulher de 22 anos com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade e Transtorno de Ansiedade Generalizada. Entendo que meu cérebro funciona de maneira diferente, e reconhecer essa diferença não significa aceitar uma limitação, mas compreender minha forma singular de existir, aprender e me relacionar com o mundo.

Esse processo de autoconhecimento, entretanto, foi profundamente doloroso. Foi necessário atravessar momentos de sofrimento, crises, sentimentos de inadequação, vontade de desistir e inúmeras experiências de incompreensão para compreender meus próprios limites. Conhecer-se como uma pessoa neurodivergente também significa identificar gatilhos, reconhecer potencialidades e construir estratégias de adaptação. Com o tempo, compreendi que o mundo dificilmente será adaptado às minhas necessidades. Muitas pessoas ao meu redor conheciam meu diagnóstico, mas isso nem sempre resultava em atitudes inclusivas. As conversas paralelas em sala de aula permaneciam, e, em determinados momentos, não tive acesso a adaptações simples, como realizar avaliações em ambientes com menos estímulos sonoros.

Ainda assim, aprendi que o processo de permanência na universidade também é construído pelos encontros. Ao longo da graduação encontrei pessoas que escolheram compreender minhas necessidades, respeitar minhas diferenças e contribuir para que eu pudesse permanecer naquele espaço. Foram essas relações de acolhimento que tornaram possível transformar uma trajetória marcada por dificuldades em uma experiência de aprendizagem, resistência e construção da minha identidade como estudante e futura pedagoga.

Ao escrever esta autobiografia, compreendi que a minha narrativa ultrapassa a dimensão da memória e se constitui como um processo de produção de conhecimento sobre mim mesma e também sobre o processo de inclusão de uma forma geral. Conforme afirma Delory-Momberger (2008), a narrativa autobiográfica não consiste apenas em recordar acontecimentos, mas em atribuir sentidos às experiências vividas. Ao narrar, o sujeito interpreta sua história, reorganiza os acontecimentos e reconstrói sua identidade a partir deles. Nesse sentido, revisitar minha trajetória acadêmica permitiu compreender que muitas situações que, durante anos, interpretei como fracassos pessoais eram, na realidade, expressões de um modo singular de aprender e de estar no mundo.

Escrever sobre minha experiência possibilitou ressignificar sentimentos de culpa, vergonha e inadequação que marcaram minha vida escolar e universitária. Percebi que, durante muitos anos, tentei corresponder a um modelo de estudante pensado para sujeitos neurotípicos, acreditando que o problema estava exclusivamente em mim. A escrita autobiográfica permitiu compreender que minhas dificuldades não decorreram da falta de interesse, de inteligência ou de dedicação, mas da ausência de práticas pedagógicas capazes de reconhecer diferentes formas de aprender.

Assim, esta narrativa não representa apenas o relato de uma história individual. Ela constitui também uma reflexão sobre a universidade, a inclusão e a formação docente. Ao compreender minha própria trajetória, compreendo também aspectos vivenciados por muitos outros estudantes com TDAH que permanecem invisibilizados no ensino superior. Como propõe Delory-Momberger (2008), a autobiografia transforma a experiência vivida em conhecimento, permitindo que aquilo que, por muito tempo, permaneceu apenas como sofrimento individual, torne-se objeto de reflexão científica.

Hoje compreendo que a inclusão não pode ser responsabilidade apenas do estudante. Embora tenha desenvolvido estratégias para permanecer na universidade, essas adaptações não substituem o compromisso institucional de construir práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis às diferenças. Reconhecer-me como uma mulher neurodivergente não significou aceitar limitações, mas compreender que existem diferentes formas de aprender, ensinar e existir. Mais do que concluir uma graduação, escrever esta pesquisa representa reconhecer minha própria história como fonte legítima de conhecimento e afirmar que experiências como a minha também produzem ciência, reflexão e possibilidades de transformação da educação.

3 OUTRAS VIVÊNCIAS

3.1 A autobiografia de uma professora e pesquisadora com TDAH

A dissertação de Flávia Cristina Guimarães Teixeira (2023) chamou minha atenção logo pelo título: *“TDAH não é coisa de criança: eu, uma professora e pesquisadora com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em ambientes não inclusivos”*. O próprio título já provoca uma reflexão importante sobre a forma como o TDAH costuma ser associado à infância, como se deixasse de existir na vida adulta. No entanto, o transtorno acompanha muitas pessoas ao longo de toda a vida, influenciando suas experiências acadêmicas, profissionais e sociais.

Esse foi o tema da sua dissertação em um programa de pós graduação em linguística, na qual fez uma narrativa autobiográfica relatando a sua experiência como professora universitária com TDAH, ela conta como o transtorno influenciou a vida dela como professora e, a partir dessa escrita, ela enfatiza a importância do autoconhecimento e da representatividade. Até porque, quem lida com o cérebro TDAH é quem tem o TDAH, e é de

extrema importância, você saber lidar com você mesmo. Porque quem sabe de você, é você. Os seus limites, os seus desafios, as suas conquistas e vitórias.

Flávia começa com os agradecimentos na sua dissertação, e demonstra muita gratidão por pessoas que foram rede de apoio para ela, “.... *agradecer é a forma de demonstrar amor que o outro sempre irá entender.*” e finaliza os agradecimentos dizendo:

Minha cabeça às vezes é tão confusa que poetizar e ilustrar expressam mais de mim do que eu poderia dizer de forma padronizada, linear ou acadêmico-científica. Uso imagens e metáforas para fugir do convencional porque minha mente é assim: cheia de alusões a assuntos aleatórios em meio à cientificidade bem respaldada, conciliando músicas que já não ouço mais, nuvens de pensamentos e palavras, sentimentos difusos, lista de tarefas diárias e conhecimento de mundo. Não sei fazer ciência se não for assim. Já que a minha pesquisa me ensinou que posso, então assim será! (Teixeira, 2022)

Nesse parágrafo nota-se que a mente da pessoa com TDAH, além de conseguir pensar várias coisas ao mesmo tempo, apresenta uma nova forma de fazer ciência. E ela finaliza dizendo “*Já que a minha pesquisa me ensinou que posso, então assim será!*”. Uma mente com TDAH é totalmente capaz de produzir uma ciência, apesar dos desafios como pensamentos aleatórios que mudam por segundos e sentimentos difusos, não é impossível. Flávia se acolheu por inteira, acolheu sua mente TDAH e produziu pesquisas e ciência.

Flávia relata que seu diagnóstico foi tardio e trouxe uma teia de informações na vida que a fizeram compreender muitas questões e indagar outras. Ela compreendeu que a partir do diagnóstico pode se achar um norte para uma vida que necessite de certas adaptações, entre elas se compreender, e entender que o TDAH não é a Flávia, ele faz parte dela, mas não é ela por inteiro. A pesquisadora questiona o porquê do TDAH ser tão apagado na vida adulta, sendo enfatizado apenas na infância.

A dissertação de Flávia é uma pesquisa narrativa com base nos autores Clandinin e Connelly (2015) em que ela narra sua vida como professora de línguas. Ela relata que além de adaptar a vida para ela, também precisaria adaptar as suas aulas. Começou a questionar se os seus métodos de lecionar eram inclusivos para os alunos.

Em seu relato, a autora destaca como característica predominante do seu TDAH o hiperfoco, definido por Silva (2009) como a capacidade de hiperconcentração em determinadas ideias, atividades ou contextos. Embora essa característica contribua para manter sua criatividade ativa e favorecer a produção de ideias, Flávia também descreve os impactos negativos dessa experiência em sua vida. Ela relata sentir-se desconfortável por

conviver com constantes oscilações: em alguns momentos, encontra-se extremamente criativa, elaborando planos e iniciando diferentes projetos; em outros, tende ao isolamento, permanecendo recolhida e vivenciando períodos de intenso sofrimento emocional, nos quais a própria sobrevivência deixa de ser percebida como prioridade.

A escolha da autora por desenvolver uma pesquisa narrativa está diretamente relacionada a uma experiência vivenciada durante uma disciplina sobre inclusão. Na ocasião, a professora disponibilizou um questionário aos estudantes, que continha a seguinte pergunta: *"Independentemente da forma como você se autodenomina, você precisa de atendimento específico para sua participação nas aulas?"*. Em um primeiro momento, Flávia relata que passou pela pergunta sem lhe dar muita atenção. No entanto, movida pela curiosidade, característica que associa ao seu TDAH, retornou ao questionário e passou a refletir sobre as possibilidades de resposta.

Foi então que encontrou a opção que indicava a necessidade de mais tempo para a realização de atividades acadêmicas. Nesse momento, percebeu que suas dificuldades poderiam ser reconhecidas e acolhidas pela instituição. A autora descreve essa experiência como um marco em sua trajetória, afirmando que se sentiu verdadeiramente acolhida, vivenciando uma sensação única de pertencimento e reconhecimento de suas necessidades enquanto estudante com TDAH. Essa vivência despertou nela o interesse em investigar, por meio da pesquisa narrativa, as experiências de pessoas com TDAH em ambientes educacionais, especialmente no contexto do ensino superior. Ela relata que pequenos atos inclusivos já fazem uma enorme diferença, e fazem com que a pessoa com o transtorno se sinta pertencente ao ambiente.

Ao longo de sua dissertação, Flávia apresenta diferentes episódios que evidenciam a ausência de inclusão em espaços que, teoricamente, deveriam acolher as diferenças. Um dos relatos mais marcantes encontra-se na narrativa que ela intitulou como "Um animalzinho e uma história nada divertida", em que a autora descreve uma situação de constrangimento vivenciada no ambiente de trabalho. Flávia trabalhava na escola em que seus filhos estudavam. E em um determinado momento, teve uma atividade para os filhos, que seria um "rodízio de animais", cada criança ficaria com um animal em sua casa e depois trocaria por outro. Quando chegou a vez de ficar na casa de Flávia e sua família, o animalzinho não queria comer e nem defecar, o que preocupou Flávia. Ela então, entrou em contato com a professora que passou a atividade para o seu filho. A professora disse que Flávia não deveria se preocupar. Mas, infelizmente, o animal faleceu. Após a morte desse pequeno animal que estava sob seus cuidados, um membro da equipe gestora utilizou o ocorrido para fazer uma

piada diante de todos os professores da escola, em que associava o comportamento hiperativo da autora à morte do animal, levando diversos colegas a fazerem comentários semelhantes e a rirem da situação. Flávia relata que, apesar de ter fingido achar graça do ocorrido, sentiu-se profundamente envergonhada e chorou quando chegou em casa.

Esse episódio evidencia um ambiente de trabalho que, embora defendesse a inclusão dos estudantes, não promovia o mesmo acolhimento aos seus profissionais. Ao contrário, as características relacionadas ao TDAH da autora tornaram-se motivo de exposição pública, ridicularização e preconceito. Em vez de compreensão e respeito às suas necessidades, ela encontrou julgamentos e atitudes que reforçam seu sentimento de não pertencimento.

Além desse episódio, a autora relata que frequentemente era alvo de comentários depreciativos e de brincadeiras relacionadas aos esquecimentos, à agitação e às dificuldades decorrentes do TDAH. Essas experiências demonstram que a falta de conhecimento sobre a neurodivergência² contribui para a manutenção de práticas excludentes, afetando diretamente a autoestima, o bem-estar emocional e o sentimento de pertencimento da pessoa com TDAH.

Ao trazer essas narrativas, Teixeira (2023) evidencia que a inclusão não deve se limitar aos discursos ou às políticas voltadas aos estudantes, mas precisa abranger também os profissionais da educação. Seu relato revela a distância existente entre o discurso inclusivo e as práticas cotidianas, mostrando que ambientes considerados inclusivos podem, na realidade, reproduzir situações de exclusão, preconceito e violência simbólica.

2.2 A autobiografia de um estudante do curso de Ciência biológicas

O Trabalho de Conclusão de Curso de Fernando Silva de Lima (2023), estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, intitulado *Para Além do Mundo da Lua: o relato autobiográfico da trajetória de um estudante com TDAH no curso de Licenciatura em Biologia do IFPB, Campus Cabedelo-PB*, apresenta, de forma autobiográfica, a trajetória do pesquisador durante a graduação, descrevendo as dificuldades enfrentadas no curso de biologia em decorrência das características do TDAH.

Entre os principais desafios relatados, destacam-se a procrastinação, a desatenção e as dificuldades para organizar os estudos e manter uma rotina acadêmica. Em seu relato, Lima (2023) evidencia como esses fatores impactaram significativamente sua experiência

² Conforme conceitua Singer (1999), a neurodivergência abrange sujeitos que apresentam um funcionamento cognitivo e neurológico atípico, distanciando-se do comportamento padronizado e normativo estipulado pelas convenções sociais.

universitária, gerando sentimentos de frustração e, em alguns momentos, o desejo de desistir do curso.

Além de compartilhar suas vivências, Fernando reflete sobre os obstáculos encontrados em ambientes acadêmicos que não contemplam as necessidades de estudantes com TDAH. Um dos aspectos mais marcantes de seu relato é o sentimento de não pertencimento experimentado no início da graduação. O autor descreve que teve dificuldades para se aproximar dos colegas, sentindo-se isolado e sem conseguir estabelecer vínculos que favorecessem sua adaptação ao curso. Esse isolamento foi intensificado pelas dificuldades em conciliar trabalho e estudos, bem como pelas características do TDAH, o que contribuiu para que fosse visto por alguns colegas como um estudante descompromissado.

O autor também relata que, após ser reprovado em algumas disciplinas e passar a frequentar novas turmas, descobriu que colegas haviam construído uma imagem negativa sobre ele:

Um outro ponto que me impactou profundamente foi que ao me inserir no período posterior ao meu para cursar as disciplinas do primeiro período, tomei conhecimento que os alguns alunos do período 2017.2 já tinham uma visão pré-concebida de mim, pois, meus colegas de turma, que ingressaram no mesmo período que eu, tinham comentado com os alunos ingressantes no período de 2017.2 que eu era um aluno relapso, que eu não possuía responsabilidade com o curso, que não seria um bom membro para se adicionar a um grupo. Ao final, fui interiorizando aquelas palavras que me eram contadas por outros alunos e de algum modo, acreditava que eu era tudo isso, sentia que eu não estava dando 100% de mim ou me esforçando como os outros alunos do curso (Lima, 2023, p. 43)

Outro aspecto destacado pelo autor refere-se às barreiras presentes no processo de ensino e aprendizagem. Em sua análise, metodologias tradicionais e pouco flexíveis, aliadas ao desconhecimento de alguns professores sobre o TDAH, dificultam o desenvolvimento acadêmico de estudantes neuroatípicos. Muitas vezes, comportamentos relacionados ao transtorno são interpretados como falta de interesse, preguiça ou desorganização, reforçando estigmas e contribuindo para a exclusão desses estudantes do ambiente universitário.

Diante dessas experiências, Fernando evidencia que os impactos do TDAH vão além das dificuldades de aprendizagem, alcançando também aspectos emocionais e sociais. Em diversos momentos, relata ter sentido que não era capaz de concluir a graduação e que a universidade não era seu lugar. Esses sentimentos demonstram como a ausência de acolhimento e compreensão pode comprometer a permanência de estudantes com TDAH no ensino superior.

No início do curso, eu estava totalmente sozinho, aquém a qualquer coisa referente ao curso. Eu não conseguia acompanhar meus colegas de sala na progressão das disciplinas, também não conseguia estabelecer relações sociais e afetivas com eles. Existia somente o sentimento de separação dentro do curso e me fazia sentir uma sensação de 'não pertencimento', e ao refletir sobre esse quadro discrepante, pude notar meu desenvolvimento tanto no âmbito acadêmico, quanto no âmbito das relações sociais dentro do curso. O sentimento de rejeição é algo muito doloroso para uma pessoa com TDAH, levando em conta o histórico de vida, onde muitos TDAHs possuem um jeito de ser que não é recebido muito bem por algumas pessoas. Só com o tempo, e com o apoio de alguns colegas que se aproximaram, consegui criar laços de amizade que foram fundamentais para minha adaptação e permanência na universidade. (Lima, 2023, p. 55)

Apesar dos desafios enfrentados, o autor destaca que sua trajetória também foi marcada por experiências positivas. O acolhimento de professores e colegas, aliado à utilização de metodologias de aprendizagem que atendiam melhor às suas necessidades, contribuiu para que permanecesse no curso e concluísse sua formação. Como forma de reconhecer a importância dessa rede de apoio, Fernando inclui, nos anexos do trabalho, registros fotográficos com pessoas que fizeram parte de sua trajetória acadêmica, evidenciando que o suporte afetivo e institucional foi essencial para sua permanência na universidade.

A narrativa de Fernando reforça que a inclusão no ensino superior não depende apenas da existência de políticas institucionais, mas também da construção de ambientes acolhedores, do combate aos estigmas relacionados ao TDAH e da adoção de práticas pedagógicas mais flexíveis. Seu relato evidencia que a compreensão das especificidades dos estudantes neuroatípicos pode favorecer não apenas o desempenho acadêmico, mas também o sentimento de pertencimento e a permanência desses estudantes na universidade.

4. ANÁLISE DAS VIVÊNCIAS DE PESSOAS COM TDAH NA UNIVERSIDADE

A minha narrativa e as que compõem as duas pesquisas analisadas anteriormente me permitiram perceber que, embora sejamos pessoas diferentes, com histórias e trajetórias singulares, compartilhamos vivências e sentimentos muito semelhantes. O primeiro aspecto que me chamou a atenção foi a escolha da autobiografia como metodologia de pesquisa. Ambos os autores demonstram que a experiência vivida também produz conhecimento, reforçando a ideia de que a vivência é uma ciência, pois permite compreender aspectos que muitas vezes não são alcançados apenas por estudos teóricos, além de possibilitar que esse conhecimento esteja calcado na realidade concreta dos sujeitos

Outro ponto em comum presente nos relatos é o impacto do TDAH na trajetória acadêmica. O transtorno frustra, cansa e, em diversos momentos, faz surgir a vontade de desistir, pela sensação de que nada dará certo ou de que o esforço nunca será suficiente. Ao ler a narrativa de Fernando, identifiquei-me com sua experiência, principalmente pelo acolhimento que recebeu durante sua graduação. Não acredito que uma pessoa com TDAH necessite de alguém ao seu lado o tempo todo, mas considero essencial encontrar pessoas dispostas a escutar, compreender e respeitar as diferentes formas de funcionamento da mente.

Uma pessoa neurotípica dificilmente compreenderá, por si só, como funciona o pensamento de uma pessoa neurodivergente. Para isso, é necessário ouvir quem vivencia essa realidade e reconhecer que existem diferentes maneiras de aprender, organizar as ideias e perceber o mundo. No meu caso, mudo de pensamento diversas vezes ao longo do dia, o que frequentemente interfere na realização de tarefas cotidianas. A escrita deste próprio trabalho foi atravessada por esse processo. Em alguns momentos, inicio uma ideia e, rapidamente, outra ocupa seu lugar, fazendo com que eu perca a continuidade do que estava desenvolvendo.

Hoje, porém, conheço melhor o meu funcionamento. Compreendo que a procrastinação faz parte das dificuldades provocadas pelo TDAH, mas também entendo que ela não precisa definir minha trajetória. Não posso me culpar por ter um cérebro que funciona de maneira diferente, mas também preciso desenvolver estratégias para que essas dificuldades não assumam o controle da minha vida acadêmica. Nesse processo, contar com uma orientadora que compreende que essas dificuldades não representam preguiça ou falta de compromisso faz toda a diferença, pois esse acolhimento reduz sentimentos de culpa e fortalece minha permanência na universidade.

Ao comparar os relatos analisados, percebo trajetórias distintas. Fernando encontrou, durante sua graduação, uma rede de apoio que contribuiu para sua permanência e conclusão do curso. Já Flávia enfrentou um diagnóstico tardio e vivenciou diferentes contextos marcados pela falta de inclusão, pelo preconceito e pelo não reconhecimento de suas necessidades. Essas diferenças mostram como o acolhimento institucional e interpessoal pode transformar a experiência universitária de estudantes com TDAH.

Entretanto, considero que existe um aspecto tão importante quanto o acolhimento oferecido pelo outro: o acolhimento de si mesmo. Acredito que uma das partes mais difíceis de ser uma pessoa neurodivergente é não compreender o próprio funcionamento. Antes de buscar adaptação em ambientes que nem sempre são inclusivos (Teixeira, 2023), é preciso desenvolver autoconhecimento. Compreender minhas potencialidades e minhas limitações permitiu que eu deixasse de me culpar e passasse a construir estratégias compatíveis com a forma como meu cérebro funciona. Essa mudança de perspectiva não elimina as dificuldades, mas torna possível construir uma trajetória com mais qualidade de vida e menos sofrimento.

Chegar a esse nível de compreensão, entretanto, não acontece de forma imediata. Entre o surgimento das dificuldades, o diagnóstico, a aceitação e o desenvolvimento do autoconhecimento existe uma longa caminhada. Por isso, reafirmo a importância da vivência como ciência. As experiências vividas produzem conhecimentos que dificilmente seriam alcançados apenas por meio da teoria. Elas revelam desafios, estratégias, sentimentos e possibilidades de superação que contribuem para ampliar a compreensão sobre o TDAH no contexto universitário e reforçam a necessidade de uma educação superior verdadeiramente inclusiva.

Ao relacionar os relatos de Fernando e Flávia com minha própria trajetória, percebo que também vivi experiências de acolhimento durante a graduação. Em diversos momentos, senti-me pertencente ao ambiente universitário quando encontrei professores que buscavam compreender as dificuldades decorrentes do TDAH. Em situações de desassociação, por exemplo, alguns docentes demonstraram sensibilidade e respeitaram meu tempo, sem interpretar esses momentos como falta de interesse ou descompromisso. Esse acolhimento fez com que eu me sentisse capaz de continuar e reafirmou que minha permanência na universidade era possível.

Por outro lado, também vivenciei situações constrangedoras que marcaram minha trajetória. Em uma aula, diante de toda a turma, uma professora chamou minha atenção e disse que eu precisava falar mais devagar. Em outra ocasião, uma colega afirmou que, sempre que eu levantava a mão para fazer uma pergunta, ela se perdia, pois eu compreendia os

conteúdos de uma maneira diferente e acabava "confundindo" o restante da turma por apresentar muitas ideias ao mesmo tempo. Embora essas falas possam parecer simples para quem as profere, elas produziram em mim sentimentos de vergonha e de inadequação, fazendo com que eu passasse a refletir sobre a forma como me expressava em sala de aula.

Essas experiências me fizeram compreender que a inclusão não depende apenas de adaptações pedagógicas, mas também das atitudes das pessoas que compartilham o ambiente universitário. O acolhimento, a escuta e o respeito às diferentes formas de pensar podem fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes com TDAH. Da mesma forma, comentários feitos sem essa compreensão podem reforçar a sensação de exclusão e levar o estudante a questionar sua capacidade e seu lugar na universidade.

Ao ler a pesquisa realizada por Fernando Silva de Lima (2023) e Flávia Cristina Guimarães Teixeira (2023), percebi que, embora nossas histórias sejam diferentes, compartilhamos um sentimento em comum: o impacto que o acolhimento ou a ausência dele exerce sobre nossa permanência no ensino superior. Enquanto o apoio recebido fortalece a confiança e favorece a aprendizagem, as experiências de constrangimento deixam marcas que vão além do desempenho acadêmico, afetando a autoestima, a participação em sala de aula e o sentimento de pertencimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir esta pesquisa significa, antes de tudo, concluir um percurso de revisitação da minha própria história. Ao iniciar este trabalho, meu objetivo era compreender como estudantes universitários com Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) vivenciam sua trajetória acadêmica, utilizando a narrativa autobiográfica como possibilidade de produção de conhecimento. Entretanto, ao longo da escrita, compreendi que esta pesquisa ultrapassou esse objetivo inicial. Ela tornou-se também um processo de autoconhecimento, ressignificação e reconhecimento de experiências que, durante muitos anos, foram interpretadas por mim apenas como fracassos pessoais.

Durante minha escolarização e minha graduação, vivi momentos de acolhimento, mas também inúmeras situações marcadas pela incompreensão, pelos estigmas e pela falta de conhecimento acerca do TDAH. Durante muito tempo, acreditei que minhas dificuldades eram consequência de desatenção, desorganização ou incapacidade. Somente ao revisitar essas experiências, articulando-as com os referenciais teóricos estudados e com outras

vivências, compreendi que grande parte desses desafios estava relacionada ao funcionamento do meu cérebro e às barreiras presentes nos contextos educacionais.

A pesquisa autobiográfica mostrou-se fundamental para essa compreensão. Conforme propõe Delory-Momberger (2008), narrar a própria trajetória não significa apenas recordar acontecimentos, mas produzir sentidos sobre eles. Ao escrever minha história, passei a enxergar experiências antes fragmentadas como parte de um percurso de formação. Percebi que minha identidade como estudante, futura pedagoga e mulher neurodivergente foi sendo construída nas relações estabelecidas com professores, colegas, instituições e comigo mesma. Assim, a escrita deixou de ser apenas um registro de memórias para tornar-se um instrumento de reflexão e produção de conhecimento.

Ao mesmo tempo, esta pesquisa evidenciou que a permanência de estudantes com TDAH no ensino superior não depende exclusivamente do esforço individual. Embora estratégias pessoais de organização e adaptação sejam importantes, elas não substituem a responsabilidade das instituições de ensino em construir ambientes verdadeiramente inclusivos. A inclusão não se concretiza apenas por meio do acesso à universidade, mas pela garantia de condições que favoreçam a aprendizagem, o pertencimento, a participação e o desenvolvimento de todos os estudantes.

Ao longo da minha trajetória, encontrei professores que compreenderam minhas necessidades, acolheram minhas dificuldades e contribuíram significativamente para minha permanência no curso. Também encontrei profissionais que minimizaram meu diagnóstico, desconsideraram minhas necessidades e reforçaram sentimentos de inadequação. Essas experiências demonstram que pequenas atitudes docentes podem produzir impactos profundos na vida acadêmica de estudantes com TDAH. Muitas vezes, o acolhimento não exige recursos complexos, mas disponibilidade para ouvir, compreender e reconhecer que diferentes estudantes aprendem de maneiras diferentes.

Esta pesquisa também possibilitou desconstruir uma ideia que esteve presente durante grande parte da minha vida acadêmica: a de que ser uma boa estudante significava corresponder integralmente aos padrões esperados de atenção, organização e produtividade. Hoje compreendo que passei muitos anos tentando me adaptar a um modelo de funcionamento pensado para pessoas neurotípicas. Reconhecer-me como uma mulher neurodivergente não significou aceitar limitações, mas compreender que existem diferentes formas de aprender, ensinar, pensar e construir conhecimento.

Enquanto futura pedagoga, esta pesquisa fortaleceu ainda mais meu compromisso com uma educação inclusiva, ética e humanizada. Espero que minha atuação profissional seja

marcada pela sensibilidade que, em alguns momentos da minha trajetória, encontrei em determinados professores e que fez toda a diferença na minha permanência escolar. Desejo ser uma educadora capaz de reconhecer que, muitas vezes, aquilo que é interpretado como desinteresse, preguiça ou indisciplina pode representar uma necessidade educacional que precisa ser compreendida e acolhida.

Além disso, esta pesquisa busca contribuir para ampliar as discussões sobre o TDAH no ensino superior, tema que ainda permanece pouco explorado na produção acadêmica, especialmente quando analisado a partir das narrativas dos próprios estudantes. Ouvir aqueles que vivenciam essa realidade permite compreender aspectos que dificilmente seriam captados apenas por pesquisas quantitativas ou análises documentais. A experiência vivida também produz conhecimento e, por isso, merece ocupar espaço na pesquisa científica.

Por fim, concluo esta pesquisa compreendendo que escrever sobre minha trajetória foi, ao mesmo tempo, um exercício de coragem e de libertação. Coragem para revisitar lembranças dolorosas, reconhecer minhas fragilidades e transformar experiências de sofrimento em objeto de investigação científica. Libertação porque, pela primeira vez, consegui olhar para minha história sem enxergar apenas minhas dificuldades. Passei a reconhecer também minha capacidade de permanecer, aprender, resistir e construir caminhos, mesmo diante dos inúmeros desafios impostos pelo TDAH.

Este trabalho não encerra a discussão sobre a inclusão de estudantes universitários com TDAH. Pelo contrário, espero que ele incentive novas pesquisas, amplie o debate sobre a neurodiversidade na educação superior e contribua para que mais estudantes sejam acolhidos em suas singularidades. Se minha história puder fazer com que um futuro professor compreenda melhor um estudante com TDAH, ou que um universitário se reconheça nestas páginas e perceba que não está sozinho, então esta pesquisa já terá cumprido um de seus propósitos mais importantes.

Mais do que concluir um Trabalho de Conclusão de Curso, concluo um ciclo da minha vida. A menina que tantas vezes ouviu que errava "por falta de atenção" hoje compreende que nunca lhe faltou interesse ou capacidade. O que lhe faltou, em muitos momentos, foi compreensão. Hoje, ao finalizar esta pesquisa, reconheço que minha história não é marcada apenas pelas dificuldades do TDAH, mas pela força construída ao longo do caminho, pelas pessoas que escolheram me acolher e pela certeza de que diferentes formas de aprender também têm lugar na universidade e na produção do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (ABDA). **O que é TDAH?** São Paulo: ABDA, 2022. Disponível em: <https://tdah.org.br>. Acesso em: 4 jul. 2026.

BIJLENGA, Denise et al. Sensory modulation dysfunction in adults with attention-deficit/hyperactivity disorder (ADHD). **Journal of Autism and Developmental Disorders**, New York, v. 47, n. 2, p. 434-448, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13409.htm. Acesso em: 4 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH)**. Brasília: Biblioteca Virtual em Saúde do Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/transtorno-do-deficit-de-atencao-com-hiperatividade-tdah/>. Acesso em: 4 jul. 2026.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

HOSPITAL ISRAELITA ALBERT EINSTEIN. **TDAH: transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.einstein.br>. Acesso em: 4 jul. 2026.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior 2024: notas estatísticas**. Brasília, DF: INEP, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inep>. Acesso em: 4 jul. 2026.

LIMA, Fernando Silva de. **Para além do mundo da lua: o relato autobiográfico da trajetória de um estudante com TDAH no curso de Licenciatura em Biologia do IFPB**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Cabedelo, Cabedelo, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Doenças – CID-11**. Genebra: World Health Organization, 2022. Disponível em: <https://icd.who.int/>. Acesso em: 4 jul. 2026.

ORTEGA, Francisco. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 459-488, out. 2009.

ROHDE, Luis Augusto et al. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (org.). **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, Wederson Rufino dos. O modelo biopsicossocial de deficiência e as barreiras sociais: desafios para a inclusão. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 112-121, jan./abr. 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas: TDAH – desatenção, hiperatividade e impulsividade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a "problem with no name" to the emergence of a new category of difference. In: BARTON, Len (org.). **Disability discourse**. London: Open University Press, 1999. p. 59-67.

TEIXEIRA, Flávia Cristina Guimarães. **TDAH não é "coisa de criança": eu, uma professora e pesquisadora com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade em ambientes não inclusivos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto

de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.5536>. Acesso em: 16 jun. 2026.